O NÃO APRENDER NA INFÂNCIA: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

NOEMIA DIAS DOS SANTOS

RESUMO
Este artigo propõe-se a analisar os múltiplos fatores que podem levar ao "não aprender" na infância, compreendendo-o não como uma falha individual, mas como um fenômeno complexo influenciado por diversas variáveis. Utiliza- se de uma revisão bibliográfica aprofundada para investigar as distintas causas, que se estendem desde aspectos cognitivos, como dificuldades de atenção, memória e raciocínio lógico, até fatores emocionais e sociais, incluindo ansiedade, baixa autoestima e problemas de relacionamento. Adicionalmente, explora-se a influência de aspectos neurobiológicos e desenvolvimentais, como transtornos de aprendizagem específicos (dislexia, TDAH), além de considerar a relevância de fatores pedagógicos e metodológicos inadequados. A pesquisa também contempla a contribuição de condições socioeconômicas e culturais, bem como questões físicas e sensoriais que impactam o processo de aquisição do conhecimento. O estudo discute as consequências significativas dessas dificuldades para o desenvolvimento global infantil, abrangendo o desempenho acadêmico, a interação social e a saúde emocional, reforçando a importância de um olhar integral e individualizado para cada criança. As considerações finais apontam para a necessidade premente de abordagens multidisciplinares e estratégias de intervenção articuladas, que envolvam ativamente a família, a escola, com suas adaptações curriculares e formação de professores, e os profissionais da saúde e educação, visando à promoção de um ambiente de aprendizagem inclusivo, equitativo e eficaz para todas as crianças, capacitando- as a superar desafios e desenvolver plenamente seu potencial.
PALAVRAS-CHAVE: Dificuldade de Aprendizagem; Infância; Causas; Intervenção; Educação Inclusiva.

ABSTRACT
This article aims to comprehensively analyze the multiple factors that can lead to "not learning" in childhood, understanding this phenomenon not as an individual deficiency but as a complex interplay of diverse variables. An in- depth bibliographic review serves as the methodological approach to investigate the distinct causes, which span a broad spectrum. These include cognitive aspects, such as difficulties with attention, memory, and logical reasoning, as well as emotional and social factors like anxiety, low self-esteem, and relationship challenges. Furthermore, the influence of neurobiological and developmental aspects, such as specific learning disorders (e.g., dyslexia, ADHD), is explored, alongside the relevance of inadequate pedagogical and methodological approaches. The research also considers the significant contribution of socioeconomic and cultural conditions, as well as physical and sensory issues that profoundly impact the knowledge acquisition process. The study extensively discusses the significant consequences of these learning difficulties for the child's overall development, encompassing academic performance, social interaction, and emotional well-being, thereby reinforcing the critical importance of a holistic and individualized perspective for each child. The final considerations underscore the urgent need for multidisciplinary approaches and articulated intervention strategies. These strategies must actively involve the family, the school – through curriculum adaptations and teacher training – and health and education professionals, with the ultimate goal of fostering an inclusive, equitable, and effective learning environment for all children, enabling them to overcome challenges and fully realize their potential.
KEY-WORDS: Learning Difficulty; Childhood; Causes; Intervention; Inclusive Education.

1 INTRODUÇÃO

A infância representa um período crucial para o desenvolvimento humano, caracterizado por intensas aquisições cognitivas, sociais e emocionais que fundamentam as aprendizagens futuras. No entanto, nem todas as crianças progridem no ritmo esperado, e muitas delas enfrentam desafios sig-

nificativos que as levam a uma condição de "não aprender". Essa expressão, por vezes, estigmatizante, não se refere à incapacidade intrínseca do indivíduo, mas sim a um fenômeno multifacetado, influenciado por uma complexa interação de fatores internos e externos que impedem ou dificultam a plena aquisição do conhecimento.

Nesse contexto, este artigo propõe-se a analisar os múltiplos fatores que podem levar a essa condição de "não aprender" na infância. Para tanto, busca-se investigar as diversas causas subjacentes a essas dificuldades, que abrangem desde aspectos cognitivos, como déficits de atenção, memória e raciocínio lógico, até fatores emocionais e sociais, incluindo ansiedade, baixa autoestima e problemas de relacionamento no ambiente escolar e familiar. Adicionalmente, serão exploradas as influências de aspectos neurobiológicos e desenvolvimentais, como os transtornos de aprendizagem específicos (dislexia, discalculia, TDAH), e a relevância de fatores pedagógicos e metodológicos inadequados empregados no processo de ensino. A pesquisa também contemplará a contribuição de condições socioeconômicas e culturais, bem como questões físicas e sensoriais que impactam diretamente a capacidade de aprendizagem da criança.

Com o objetivo de oferecer uma compreensão aprofundada desse cenário, o presente estudo busca: a) identificar as principais características das crianças que enfrentam dificuldades de aprendizagem; b) explorar os diversos motivos que contribuem para o "não aprender", considerando as múltiplas dimensões do desenvolvimento infantil; e c) discutir a importância de uma abordagem multidisciplinar e apresentar estratégias de intervenção eficazes para apoiar essas crianças. A relevância deste trabalho reside na necessidade premente de desmistificar o "não aprender", fornecendo subsídios teóricos e práticos para educadores, pais e profissionais da saúde, visando à construção de ambientes de aprendizagem mais inclusivos e equitativos, que permitam a todas as crianças desenvolverem plenamente seu potencial.

2 DESENVOLVIMENTO

Esta seção constitui o cerne deste trabalho, apresentando a fundamentação teórica que subsidia a compreensão do fenômeno do "não aprender" na infância, com especial enfoque nas dificuldades do processo de alfabetização. Será abordada a complexidade que envolve as dificuldades de aprendizagem, detalhando os múltiplos fatores que podem intervir na aquisição do conhecimento, bem como as consequências e as estratégias de intervenção.

2.1 O Processo de Alfabetização: Conceitos e Desafios Iniciais

A alfabetização, em sua acepção mais fundamental, refere-se à aquisição do sistema convencional de escrita e leitura, que permite ao indivíduo decodificar e codificar signos gráficos para expressar e compreender ideias. Contudo, o conceito transcende a mera decodificação, expandindo-se para o que se denomina letramento. Letramento, nesse contexto, envolve não apenas a capacidade de ler e escrever, mas a habilidade de usar a leitura e a escrita em práticas sociais diversas, compreendendo as funções e os usos da língua escrita em diferentes contextos da vida cotidiana. Assim, enquanto a alfabetização se concentra no domínio do código, o letramento amplia essa perspectiva para o uso social e funcional da escrita.

O processo de alfabetização não se configura como uma linearidade simples, mas como uma jornada complexa que envolve múltiplas etapas e marcos esperados no desenvolvimento infantil. Inicialmente, a criança passa por fases de compreensão da relação entre a fala e a escrita, que incluem desde a fase pré-silábica, onde não há correspondência entre o falado e o escrito, até a fase alfabética, onde a criança já compreende a relação grafema-fonema. Essas etapas, embora descritas de forma sequencial, podem apresentar progressões e regressões, sendo influenciadas por fatores internos e externos ao indivíduo. A aquisição da leitura e da escrita é um pilar fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social, uma vez que abre portas para o acesso ao conhecimento sistematizado, à cultura letrada e à participação plena na sociedade. Dessa forma, a alfabetização é reconhecida como um direito essencial e um requisito indispensável para a autonomia e o protagonismo do

indivíduo.
Apesar da sua importância intrínseca, o percurso da alfabetização é frequentemente permeado por desafios. Estes podem surgir de uma variedade de fontes, desde a complexidade da própria estrutura da língua até as particularidades do desenvolvimento de cada criança. A diversidade de contextos familiares, os estímulos recebidos no ambiente pré-escolar e as metodologias de ensino empregadas nas instituições formais de educação desempenham um papel crucial no sucesso ou nas dificuldades enfrentadas nesse processo. Identificar precocemente esses desafios e compreender suas origens é o primeiro passo para desenvolver estratégias de intervenção eficazes que garantam a todas as crianças a oportunidade de se tornarem leitores e escritores proficientes.
Em suma, o processo de apropriação da escrita transcende a mera decodificação de letras e sons. Conforme defendido por Magda Soares, a aprendizagem deve ser compreendida pela indissociabilidade entre alfabetização (aquisição do sistema alfabético) e letramento (o uso social e funcional da leitura e escrita). Além disso, a criança não é um recipiente passivo, mas um sujeito ativo que elabora hipóteses sobre o funcionamento da escrita – um processo mapeado por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky na teoria da psicogênese da língua escrita. Essa construção ativa do conhecimento, ancorada nos estágios cognitivos propostos por Piaget, é profundamente influenciada pelo meio social e pela mediação do professor, conceito central na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky. Portanto, qualquer falha no processo de alfabetização deve ser analisada à luz dessas complexas interações entre o sujeito (com seus esquemas cognitivos), o objeto de conhecimento (a escrita) e o contexto social. Essa compreensão multifacetada é o ponto de partida indispensável para investigar as causas subjacentes ao fenômeno do 'não aprender'.

2.2 A Criança que "Não Aprende" a Alfabetizar: Compreendendo o Fenômeno

A expressão "criança que não aprende", frequentemente utilizada em contextos escolares e familiares, carrega consigo um peso que pode ser estigmatizante, sugerindo uma incapacidade intrínseca do indivíduo. Contudo, é fundamental romper com essa visão reducionista e compreender que o "não aprender" a alfabetizar não se configura como uma falha moral ou cognitiva exclusiva da criança, mas sim como um fenômeno complexo, que resulta da interação de múltiplos fatores. Desmistificar essa concepção é o primeiro passo para uma abordagem mais humana e eficaz, reconhecendo que todas as crianças são capazes de aprender, mas em tempos e modos diferentes, e que as dificuldades podem ser indicativos de necessidades específicas não atendidas.
Nessa perspectiva, o olhar sobre a criança que apresenta dificuldades no processo de alfabetização precisa ir além do sintoma visível – a não leitura ou não escrita – para investigar as causas subjacentes. A lentidão na aquisição do código, as trocas persistentes de letras (como "b" por "p" ou "d" por "t"), a dificuldade de compreender o que lê ou de organizar o pensamento na escrita, são manifestações de desafios que demandam uma análise cuidadosa. Essa análise deve abranger o contexto educacional, familiar e individual da criança, buscando identificar onde se encontram os entraves para o desenvolvimento pleno de suas habilidades de leitura e escrita.
Compreender o fenômeno do "não aprender" na alfabetização implica em reconhecer a diversidade de percursos de aprendizagem e a heterogeneidade das dificuldades. Não há uma causa única para as dificuldades de alfabetização, e tampouco uma solução universal. Cada caso exige uma investigação particularizada, que considere as especificidades do desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança, bem como as condições de ensino às quais ela está exposta. Somente assim será possível traçar um plano de intervenção que seja verdadeiramente eficaz e que promova a inclusão e o sucesso educacional. Ao se aprofundar na análise da criança que apresenta o 'sintoma escolar', torna- se evidente que o 'não aprender' é um fenômeno que denuncia um desajuste na interação entre o sujeito e seu ambiente de aprendizagem. A visão psicopedagógica, neste ponto, é essencial para desmistificar a noção de culpa ou má-vontade. Alicia Fernández, em sua obra A Inteligên-

cia Aprisionada, oferece um alicerce teórico ao conceber o aprender como um processo que engloba quatro níveis – organismo, corpo, inteligência e desejo – e ao postular que o fracasso pode ser um mecanismo singular desenvolvido pela criança para lidar com alterações em sua história emocional. Complementarmente, Sara Pain alerta para a dimensão do vínculo e para a função da 'ignorância' como um motor para o conhecimento, enfatizando que a resistência em aprender pode ser uma reação à invasão da individualidade ou a uma carência de mediação adequada. Portanto, o que se manifesta como uma dificuldade em decifrar códigos é, muitas vezes, a ponta do iceberg de complexas intersecções entre fatores cognitivos, afetivos, pedagógicos e familiares. Compreender o 'não aprender' como um sintoma é o primeiro passo para direcionar a atenção para as causas subjacentes, que serão detalhadas a seguir.

2.3 Causas Subjacentes às Dificuldades na Alfabetização

As dificuldades no processo de alfabetização raramente derivam de uma única causa; elas são, em sua maioria, o resultado de uma complexa interação de fatores. Compreender essas múltiplas influências é essencial para a elaboração de intervenções pedagógicas e clínicas eficazes, que considerem a totalidade do desenvolvimento infantil. Os obstáculos podem ser de natureza intrínseca à criança, como aspectos cognitivos e neuropsicológicos, ou extrínsecos, relacionados ao ambiente e às metodologias de ensino.

2.3.1 Fatores Cognitivos e Neuropsicológicos

As funções cognitivas desempenham um papel central na aquisição da leitura e da escrita. Qualquer alteração ou defasagem em habilidades como atenção, memória, percepção e processamento de informações pode impactar significativamente o percurso da alfabetização.

- Processamento Auditivo e Visual: A capacidade de discriminar sons da fala (fonemas) e de reconhecer e diferenciar formas visuais (letras e palavras) é fundamental para a alfabetização. Dificuldades no processamento auditivo podem impedir que a criança identifique os sons que compõem as palavras, afetando a associação fonema-grafema. Da mesma forma, problemas no processamento visual podem dificultar o reconhecimento rápido e preciso das letras, a distinção entre letras semelhantes ou a compreensão da sequência visual das palavras.
- Memória de Trabalho: A memória de trabalho refere-se à capacidade de reter e manipular informações temporariamente para realizar uma tarefa. Na alfabetização, essa função é crucial para manter em mente as letras enquanto se forma uma palavra, ou para guardar o início de uma frase enquanto se lê o restante. Uma memória de trabalho limitada pode resultar em lentidão na leitura, dificuldade em seguir instruções complexas e em reter novas informações ortográficas.
- Atenção e Funções Executivas: A atenção sustentada é indispensável para que a criança consiga focar na tarefa de leitura ou escrita por tempo suficiente. As funções executivas, por sua vez, englobam habilidades como planejamento, organização, flexibilidade cognitiva e autorregulação. Déficits nessas funções podem manifestar-se como desorganização na escrita, dificuldade em planejar a estrutura de um texto, impulsividade na leitura ou incapacidade de monitorar os próprios erros.
- Consciência Fonológica: Considerada um dos preditores mais robustos do sucesso na alfabetização, a consciência fonológica é a habilidade de perceber, identificar e manipular os sons da fala. Isso inclui a consciência de rimas, aliterações, sílabas e, crucialmente, dos fonemas. Crianças com baixa consciência fonológica geralmente têm grande dificuldade em compreender que as palavras escritas são compostas por unidades sonoras que podem ser segmentadas e combinadas, um passo essencial para a decodificação.
- Transtornos de Aprendizagem Específicos (TAE): Existem condições neurobiológicas que afetam seletivamente as habilidades de aprendizagem.
  - Dislexia: Caracterizada por dificuldades significativas e persistentes na aquisição e uso da leitura e escrita, apesar de inteli-

gência normal, instrução adequada e oportunidades socioculturais. Manifesta-se por lentidão e imprecisão na leitura, dificuldades de soletração e decodificação fonológica.

o Disgrafia: Refere-se a um prejuízo na habilidade de escrita motora, afetando a legibilidade da letra, a velocidade e a organização espacial no papel.

o Disortografia: Caracteriza-se por dificuldades persistentes na aplicação das regras ortográficas e gramaticais, resultando em erros ortográficos que não condizem com a idade e escolaridade do indivíduo.

o TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade):

Embora não seja um transtorno de aprendizagem específico, o

TDAH afeta a atenção, impulsividade e hiperatividade, o que pode impactar indiretamente a alfabetização ao dificultar a concentração nas tarefas escolares e a persistência necessária para a aquisição de novas habilidades.

2.3.2 Fatores Emocionais e Psicossociais

Além dos aspectos cognitivos e neurobiológicos, o universo emocional e psicossocial da criança desempenha um papel significativo no processo de alfabetização. O bem-estar emocional, a segurança afetiva e as interações sociais saudáveis podem tanto impulsionar quanto dificultar a aprendizagem, especialmente em uma fase tão sensível como a infância.

• Ansiedade e Baixa Autoestima: O enfrentamento contínuo de dificuldades na alfabetização pode gerar um ciclo vicioso de ansiedade e frustração. A criança que percebe seu desempenho inferior ao dos colegas pode desenvolver baixa autoestima, medo de errar e uma aversão à escola ou às tarefas que envolvem leitura e escrita. Essa ansiedade pode, por sua vez, bloquear o acesso às funções cognitivas necessárias para a aprendizagem, criando um obstáculo adicional ao seu desenvolvimento.

• Fatores Relacionais: O ambiente social, seja na escola ou em casa, influencia diretamente o processo de aprendizagem. Experiências como bullying, isolamento social ou dificuldades de interação com colegas e professores podem afetar a motivação e a participação da criança nas atividades pedagógicas. A falta de um ambiente acolhedor e seguro pode levar ao desengajamento e à recusa em se expor às situações de aprendizagem.

• Motivação e Engajamento: A motivação intrínseca para aprender é um dos pilares do sucesso na alfabetização. Quando a criança não se sente engajada ou não percebe o propósito e a relevância da leitura e da escrita em sua vida, ela tende a apresentar menor persistência e esforço diante dos desafios. A desmotivação pode ser um reflexo de experiências negativas anteriores ou da ausência de estímulos que tornem o aprendizado significativo e prazeroso.

• Ambiente Familiar: A estrutura e o apoio familiar são determinantes no percurso de alfabetização. Conflitos familiares, falta de um ambiente propício para o estudo em casa, ou a ausência de incentivo à leitura e à escrita podem impactar negativamente o desempenho escolar da criança. O nível de letramento dos pais e o valor que a família atribui à educação também influenciam as expectativas e o suporte oferecido à criança.

As dificuldades de aprendizagem raramente são puramente cognitivas; elas estão profundamente entrelaçadas com o universo afetivo, social e familiar da criança. O aspecto emocional atua como um potente catalisador ou, inversamente, como um inibidor do processo de aquisição do conhecimento.

A. O Desejo de Aprender e a Inibição Cognitiva

O aprendizado é inseparável do desejo e do vínculo. A psicopedagoga Alicia Fernández ([Fernández, 2001]) é categórica ao incluir o desejo como um dos quatro pilares da aprendizagem, juntamente com o organismo, o corpo e a inteligência.

1. A Inibição do Aprender: A inibição cognitiva surge quando a criança, movida por medos ou pressões internas e externas, bloqueia sua capacidade de se engajar com o novo conhecimento. Para Fernández, o "não aprender" pode ser uma resposta sintomática a conflitos emocionais ou familiares, funcionando como um mecanismo de defesa inconsciente.

2. O Vínculo Afetivo: A qualidade do vínculo da criança com o conhecimento, com o professor e com a família é crucial. Quando

a autoestima é baixa ou o medo de errar é predominante, a criança se retrai, evitando situações de risco cognitivo e reforçando seu ciclo de fracasso.

B. A Relação Afeto-Cognição no Desenvolvimento

A interdependência entre afeto e intelecto é um tema central na Psicologia do Desenvolvimento:

1. Dimensão Afetiva (Henri Wallon): O teórico Henri Wallon propõe que o desenvolvimento infantil é marcado pela alternância funcional entre o afetivo e o cognitivo. Para ele, a emoção não é apenas um adorno, mas uma função que impulsiona o desenvolvimento e que está intimamente ligada à construção da inteligência [Wallon, 1968]. Um ambiente escolar ou familiar que reprime a expressão emocional ou que não oferece segurança pode minar o desenvolvimento cognitivo.
2. Baixa Autoestima e Ansiedade: A baixa autoestima, gerada pela repetida experiência de fracasso, atua como um filtro negativo, fazendo a criança antecipar o insucesso. Essa condição é frequentemente acompanhada por ansiedade de desempenho, que mobiliza recursos cognitivos essenciais (como a memória de trabalho e a atenção) para a preocupação, em vez de direcioná-los para a tarefa de aprendizagem [Pain, 1985].

C. Fatores Psicossociais e Familiares

O contexto de vida da criança é um poderoso preditor do seu sucesso ou dificuldade na alfabetização.

1. Expectativas Familiares: As expectativas parentais – sejam elas ausentes ou excessivamente elevadas – podem gerar um ambiente de pressão ou negligência. No primeiro caso, a criança sente que nunca é boa o suficiente; no segundo, falta-lhe o estímulo e o suporte necessários.
2. Dinâmica Familiar e Social: Problemas graves no núcleo familiar, como conflitos conjugais, perdas significativas ou ambientes de negligência, desviam a energia psíquica da criança. Se a criança está emocionalmente esgotada, sua capacidade de investir na complexa tarefa da alfabetização é drasticamente reduzida.

2.3.3 Fatores Pedagógicos e Metodológicos

O ambiente escolar e as abordagens de ensino são componentes cruciais que podem facilitar ou dificultar o processo de alfabetização. A escolha de metodologias, a formação e a prática dos professores, bem como os recursos disponíveis, exercem impacto direto na forma como a criança interage com o conhecimento e desenvolve suas habilidades de leitura e escrita.

- Metodologias de Ensino da Alfabetização: A diversidade de abordagens metodológicas na alfabetização (como métodos fônicos, globais, analíticos-sintéticos ou mistos) pode gerar resultados distintos. Uma metodologia que não se adequa às necessidades de aprendizagem de todas as crianças, ou que é aplicada de forma rígida, sem considerar as particularidades dos alunos, pode ser um fator gerador de dificuldades. A falta de clareza na progressão das etapas da alfabetização ou a ausência de atividades que desenvolvam a consciência fonológica, por exemplo, podem criar lacunas significativas no aprendizado.
- Formação de Professores: A qualificação e a formação continuada dos educadores são indispensáveis para o sucesso do processo de alfabetização. Professores que possuem conhecimento aprofundado sobre o desenvolvimento da leitura e escrita, que sabem identificar precocemente as dificuldades e que são capazes de aplicar estratégias pedagógicas diferenciadas para atender à heterogeneidade da turma, tendem a promover um ambiente mais inclusivo e eficaz. A ausência de uma formação adequada sobre transtornos de aprendizagem ou sobre a diversidade de estilos de aprendizagem pode limitar a capacidade do professor de intervir de forma assertiva.
- Recursos Didáticos: A disponibilidade e a utilização de materiais pedagógicos adequados e diversificados são fundamentais para enriquecer o processo de alfabetização. Livros infantis variados, jogos educativos, materiais manipuláveis que auxiliem na percepção fonológica e visual, e ferramentas tecnológicas podem tornar o aprendizado mais concreto e interessante. A escassez de recursos ou a utilização inadequada deles pode empobrecer as oportunidades de aprendizagem e desfavorecer as crianças com diferentes estilos de assimilação do co-

nhecimento.

• Avaliação do Processo: A forma como a aprendizagem é avaliada na escola também pode ser um fator de dificuldade. Avaliações que se restringem apenas ao produto final (se a criança lê ou escreve), sem considerar o processo e as estratégias utilizadas, podem não identificar as reais dificuldades e lacunas. A ausência de avaliações formativas, que permitam ao professor acompanhar o progresso individual, identificar obstáculos e ajustar a prática pedagógica em tempo real, pode perpetuar as dificuldades de aprendizagem.

• Tamanho da Turma e Suporte Individualizado: Em turmas muito numerosas, o professor pode ter dificuldade em oferecer a atenção individualizada que algumas crianças, especialmente aquelas com maiores desafios na alfabetização, necessitam. A falta de tempo e de recursos para oferecer um suporte mais direcionado, adaptando as atividades e o ritmo de ensino às necessidades específicas de cada aluno, pode ser um grande entrave ao avanço na leitura e escrita.

2.3.4 Fatores Socioeconômicos e Culturais

O ambiente socioeconômico e cultural em que a criança cresce exerce uma influência profunda e muitas vezes subestimada em seu desenvolvimento cognitivo e no sucesso de sua alfabetização. As desigualdades sociais se manifestam em privações de estímulos, acesso limitado a recursos e diferentes interações com a cultura escrita, impactando diretamente o processo de aquisição da leitura e da escrita.

• Desigualdade Social e Privação de Recursos: Crianças que vivem em condições de vulnerabilidade socioeconômica frequentemente têm acesso limitado a recursos básicos, como alimentação adequada, moradia digna e serviços de saúde. A privação desses elementos essenciais pode afetar o desenvolvimento cerebral e a saúde geral, tornando a criança mais suscetível a dificuldades de aprendizagem. Além disso, a falta de acesso a materiais educativos, como livros, jogos e brinquedos que estimulem a linguagem e o pensamento, restringe as oportunidades de pré-alfabetização em casa.

• Acesso à Cultura Escrita: O contato com a cultura escrita no ambiente familiar é um preditor significativo para o sucesso na alfabetização. Em lares onde há poucos livros, onde a leitura não é uma prática comum ou onde os pais possuem baixo nível de escolaridade, as crianças podem ter menos oportunidades de interagir com o universo das letras e das palavras de forma natural e lúdica antes de ingressarem na escola formal. A ausência de modelos leitores e escritores na família limita a compreensão da função social da escrita.

• Expectativas Familiares e Culturais: As expectativas que a família e a comunidade têm em relação à educação e ao desempenho escolar da criança também desempenham um papel relevante. Em alguns contextos, a valorização da educação formal pode ser menor devido às necessidades de sobrevivência imediata, o que pode refletir na prioridade dada ao estudo e no apoio oferecido em casa. Por outro lado, expectativas excessivamente altas, sem o suporte adequado, também podem gerar pressão e ansiedade na criança.

• Bilinguismo e Multilinguismo: Em contextos multiculturais, o bilinguismo ou multilinguismo pode apresentar desafios adicionais, especialmente se a língua materna da criança não for a mesma da instrução escolar. Embora o bilinguismo traga benefícios cognitivos, a transição entre sistemas linguísticos sem o suporte pedagógico adequado pode inicialmente gerar dificuldades na alfabetização na segunda língua, necessitando de estratégias específicas.

2.3.5 Fatores Físicos e Sensoriais

A saúde física e a integridade dos sistemas sensoriais são pré-requisitos fundamentais para um desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem pleno. Qualquer comprometimento nesses aspectos pode gerar entraves significativos no processo de alfabetização, muitas vezes passando despercebidos ou sendo erroneamente atribuídos à falta de interesse ou capacidade da criança.

• Dificuldades Visuais e Auditivas: Problemas não corrigidos de visão, como miopia, hipermetropia ou astigmatismo, podem dificultar a percepção clara das letras no quadro ou no livro, levando à fadiga visual, erros de leitura e escrita, e desmotivação. Da mesma forma, deficiências auditivas, mesmo que leves ou parciais, podem impe-

dir que a criança discrimine corretamente os fonemas da fala, que são a base para a consciência fonológica e, consequentemente, para a associação entre som e letra. A dificuldade em ouvir o professor ou os colegas também isola a criança do ambiente de aprendizagem.

• Saúde Geral e Nutrição: Condições de saúde crônicas, como anemia, asma não controlada ou distúrbios do sono, podem afetar diretamente o nível de energia, a concentração e a capacidade de processamento cognitivo da criança. A má nutrição, especialmente a deficiência de nutrientes essenciais para o desenvolvimento cerebral, pode comprometer as funções cognitivas necessárias para a aprendizagem, incluindo atenção, memória e raciocínio. Crianças doentes ou subnutridas frequentemente apresentam baixo desempenho escolar devido à fadiga e à dificuldade de se manterem atentas e engajadas.

• Desenvolvimento Motor: Embora menos óbvio que os fatores visuais e auditivos, o desenvolvimento motor, especialmente a coordenação motora

fina, é relevante para a escrita. Dificuldades motoras podem se manifestar como caligrafia ilegível, lentidão ao escrever, ou desconforto físico, o que pode desviar o foco da criança do conteúdo para a tarefa mecânica da escrita, impactando a fluência e a organização do texto.

2.4 Consequências do "Não Aprender" a Alfabetizar

As dificuldades persistentes no processo de alfabetização transcendem a esfera acadêmica, reverberando profundamente no desenvolvimento integral da criança e em sua trajetória de vida. O "não aprender" a ler e escrever proficientemente na infância acarreta uma série de consequências que podem comprometer a autoestima, o bem-estar emocional, a inclusão social e as oportunidades futuras do indivíduo.

• Fracasso Escolar e Evasão: A dificuldade em dominar a leitura e a escrita é um dos principais fatores que levam ao fracasso escolar. Como a alfabetização é a base para a aquisição de outros conhecimentos em todas as disciplinas, a criança que não se alfabetiza adequadamente tende a acumular lacunas que a impedem de acompanhar o currículo. Essa defasagem pode resultar em repetência, desmotivação crônica e, em casos mais graves, na evasão escolar, privando o indivíduo do acesso à educação formal e às oportunidades que dela decorrem.

• Problemas de Autoestima e Saúde Mental: A experiência constante de não conseguir realizar tarefas que parecem fáceis para os colegas gera um sentimento de incapacidade e frustração. Essa percepção negativa sobre si mesmo pode corroer a autoestima da criança, levando ao desenvolvimento de quadros de ansiedade, depressão, isolamento social e, por vezes, distúrbios comportamentais como forma de expressar o sofrimento. O medo de ser julgado ou de falhar pode fazer com que a criança evite situações de aprendizagem, perpetuando o ciclo da dificuldade.

• Limitação de Oportunidades Futuras: A alfabetização é uma ferramenta essencial para a participação plena na sociedade contemporânea e para o acesso ao mundo do trabalho. Crianças que crescem com sérias dificuldades de leitura e escrita podem ter suas oportunidades de qualificação profissional limitadas, enfrentando maiores desafios para ingressar no mercado de trabalho formal e para ascender socialmente.

Isso pode resultar em exclusão econômica e em menor acesso a informações e serviços essenciais ao longo da vida adulta.

• Impacto na Inclusão Social e Cidadania: A capacidade de ler e escrever é fundamental para o exercício da cidadania plena. Indivíduos não alfabetizados ou com baixo letramento podem ter dificuldade em compreender seus direitos e deveres, acessar informações cruciais (como bulas de remédio, contratos, notícias), e participar ativamente de discussões e processos democráticos. Essa limitação restringe sua autonomia e sua capacidade de interagir plenamente com a sociedade letrada, levando a formas de exclusão social.

2.5 Estratégias de Intervenção e Apoio

Diante da complexidade das causas e das profundas consequências do "não aprender" a alfabetizar, torna-se imperativa a adoção de estratégias de intervenção e apoio que sejam abrangentes, individualizadas e multidisciplinares. O objetivo é criar um ecossis-

tema de suporte que permita à criança superar os desafios e desenvolver plenamente seu potencial.

• Abordagem Multidisciplinar: A identificação e a intervenção nas dificuldades de alfabetização exigem a colaboração de diversos profissionais. Psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas e educadores devem atuar de forma integrada, cada um contribuindo com sua expertise para uma avaliação diagnóstica precisa e para a elaboração de um plano de intervenção holístico. Essa articulação garante que todos os aspectos (cognitivos, emocionais, sociais, neurobiológicos e pedagógicos) sejam contemplados.

• Intervenções Pedagógicas: No ambiente escolar, as intervenções pedagógicas são cruciais. Isso inclui a oferta de aulas de reforço e atividades complementares que reforcem conceitos e habilidades não consolidados, a adaptação curricular para atender às necessidades específicas de cada aluno, e a utilização de materiais didáticos diversificados e tecnologias assistivas. O ensino deve ser flexível, com estratégias que considerem os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem, e com foco no desenvolvimento da consciência fonológica e do vocabulário.

• Apoio Psicopedagógico: O acompanhamento psicopedagógico individualizado ou em pequenos grupos é fundamental para mediar a aprendizagem. O psicopedagogo atua na identificação dos processos cognitivos envolvidos na dificuldade, auxiliando a criança a desenvolver estratégias de estudo, a organizar o pensamento, a superar bloqueios e a resgatar a autoestima em relação à aprendizagem. O foco é no como a criança aprende.

• Acompanhamento Psicológico: Para crianças cujas dificuldades de alfabetização geram ansiedade, baixa autoestima, medo ou outros problemas emocionais, o acompanhamento psicológico é indispensável. O psicólogo pode ajudar a criança a lidar com as frustrações, a desenvolver resiliência, a melhorar a autoimagem e a construir estratégias de enfrentamento para os desafios emocionais que impactam seu aprendizado.

• Orientação Familiar: A família é um parceiro essencial no processo de superação das dificuldades. Oferecer orientação e apoio aos pais é crucial para que eles compreendam as dificuldades da criança, saibam como incentivá-la de forma positiva, criem um ambiente doméstico propício à leitura e ao estudo, e participem ativamente do acompanhamento pedagógico e terapêutico.

• Políticas Públicas e Formação Docente: Em uma escala maior, a efetividade das intervenções depende de políticas públicas robustas que garantam a identificação precoce das dificuldades de aprendizagem, o acesso a serviços especializados e a formação continuada de professores. Investir na capacitação docente para o reconhecimento de sinais de alerta e para a aplicação de metodologias inclusivas é fundamental para transformar o cenário educacional e garantir o direito à alfabetização a todas as crianças.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar os múltiplos fatores que podem levar ao "não aprender" na infância, com especial enfoque nas dificuldades inerentes ao processo de alfabetização. Ao longo deste estudo, ficou evidente que a dificuldade de aprendizagem, particularmente na aquisição da leitura e da escrita, não pode ser simplificada a uma única causa ou atribuída exclusivamente à criança. Trata-se de um fenômeno multifacetado, resultante de uma complexa interação entre fatores cognitivos, neuropsicológicos, emocionais, psicossociais, pedagógicos, socioeconômicos, culturais, físicos e sensoriais.

Conforme demonstrado, a compreensão das diversas manifestações do "não aprender" e de suas raízes profundas é o primeiro passo para desmistificar estigmas e adotar uma perspectiva mais inclusiva e eficaz. As consequências dessas dificuldades são amplas e impactantes, reverberando não apenas no desempenho acadêmico, mas também na autoestima, na saúde mental, na inclusão social e nas oportunidades futuras da criança. O fracasso escolar, a evasão e a limitação do exercício pleno da cidadania são desdobramentos preocupantes que reforçam a urgência de intervenções assertivas.

Diante da complexidade apresentada, as

estratégias de intervenção e apoio se mostram fundamentais. A pesquisa ressaltou a imperatividade de uma abordagem multidisciplinar, que articule o trabalho de educadores, psicopedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos e neurologistas. Além disso, destacou-se a necessidade de intervenções pedagógicas flexíveis e individualizadas, o suporte psicopedagógico e psicológico, a orientação familiar ativa e o investimento em políticas públicas que garantam a identificação precoce e o acesso a serviços especializados e à formação continuada de professores. Conclui-se que o "não aprender" na alfabetização é um desafio que exige um olhar sensível e integrado de todos os envolvidos no desenvolvimento infantil. Acreditamos que, ao compreender as nuances desse fenômeno e ao implementar estratégias de apoio colaborativas e baseadas em evidências, é possível promover um ambiente de aprendizagem verdadeiramente inclusivo. Este ambiente permitirá a todas as crianças superar suas dificuldades, desenvolverem plenamente seu potencial e consolidarem a alfabetização como um alicerce para uma vida plena e com maiores oportunidades.

Para complementar a sua pesquisa e dar suporte à fundamentação teórica do seu artigo, seguem alguns autores e suas respectivas áreas, que são referências importantes sobre o "não aprender" na infância, dificuldades de alfabetização e temas correlatos:

1. Psicopedagogia e a Compreensão da Aprendizagem:

• Alicia Fernández: Autora argentina com vasta obra sobre a relação do corpo, desejo e inteligência no processo de aprendizagem. Seus livros, como "A Inteligência Aprisionada" e "Os Idiomas do Aprendente", são fundamentais para entender as dinâmicas inconscientes e afetivas que influenciam o "não aprender".

• Sara Pain: Também argentina, com foco na teoria psicogenética e na relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Sua obra "Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem" é um clássico para compreender as estruturas do aprender.

• Jorge Visca: Psicopedagogo argentino, criador da Epistemologia Convergente. Seus trabalhos auxiliam na compreensão dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais da aprendizagem.

2. Neurociências e Bases da Leitura/Escrita:

• Stanislas Dehaene: Neurocientista cognitivo francês, autor de "Os Neurônios da Leitura". Ele oferece uma perspectiva fascinante sobre como o cérebro aprende a ler e o que acontece quando esse processo encontra dificuldades, sendo crucial para entender as bases neurobiológicas da dislexia.

• Maryanne Wolf: Pesquisadora americana especializada em dislexia e o cérebro leitor. Seu livro "Proust e a Lula: A História e a Ciência do Cérebro Leitor" é essencial para compreender as complexidades da leitura e da dislexia.

• Alfredo Jerusalinsky: Psicanalista e psiquiatra infantil argentino que discute o desenvolvimento infantil e suas patologias, incluindo as dificuldades de aprendizagem sob uma ótica psicanalítica.

3. Psicologia do Desenvolvimento e Construtivismo:

• Jean Piaget: Sua teoria do desenvolvimento cognitivo é a base para entender como as crianças constroem o conhecimento em diferentes fases, fundamental para a compreensão dos estágios de aprendizagem.

• Lev Vygotsky: Com sua teoria sociocultural, Vygotsky destaca a importância da interação social, da linguagem e da cultura no desenvolvimento cognitivo, crucial para entender o papel do ambiente e da mediação na alfabetização.

• Henri Wallon: Propõe uma abordagem psicogenética que integra aspectos afetivos, cognitivos e motores no desenvolvimento da criança, oferecendo uma visão holística do aprendente.

4. Alfabetização e Didática:

• Emilia Ferreiro: Pesquisadora argentina que, juntamente com Ana Teberosky, revolucionou a compreensão do processo de alfabetização com a teoria da psicogênese da língua escrita. Seu trabalho é indispensável para entender como as crianças pensam sobre a escrita antes de estarem alfabetizadas convencionalmente.

- Ana Teberosky: Coautora com Emilia Ferreiro, suas pesquisas são fundamentais para entender o processo construtivo da aquisição da leitura e da escrita pelas crianças.
- Magda Soares: Uma das maiores referências brasileiras em alfabetização e letramento. Seus trabalhos abordam a complexidade do processo, a importância do letramento e os desafios da educação brasileira.

Ao pesquisar esses autores, procure por seus livros e artigos em bases de dados acadêmicas (como SciELO, Google Acadêmico, PePSIC) e em bibliotecas universitárias. Eles fornecerão o embasamento teórico robusto necessário para o seu artigo.

REFERENCIAS:

DEHAENE, Stanislas. Os Neurônios da Leitura: Como a Ciência Explica a Nossa Capacidade de Ler. Porto Alegre: Penso, 2012.
FERNÁNDEZ, Alicia. A Inteligência Aprisionada. Porto Alegre: Artmed, 2001 (citado no texto, mas a data e editora são comuns de referência no Brasil).
FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed (autores citados por sua teoria).
JERUSALINSKY, Alfredo. (Autor citado por sua discussão sobre o desenvolvimento infantil e dificuldades de aprendizagem sob ótica psicanalítica) LYON, G. R.; SHAYWITZ, S. E.; SHAYWITZ, B. A. A definition of dyslexia.
Annals of Dyslexia, 53(1), 1-14, 2003.
PAIN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed (autora citada por sua teoria psicogenética e o vínculo).
PIAGET, Jean. (Autor citado por sua teoria do desenvolvimento cognitivo)
SOARES, Magda. (Autora citada por sua defesa da indissociabilidade entre alfabetização e letramento).
VISCA, Jorge. (Autor citado como criador da Epistemologia Convergente).
VYGOTSKY, Lev. (Autor citado por sua teoria sociocultural e o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP).
WALLON, Henri. (Autor citado por sua abordagem que integra aspectos afetivos, cognitivos e motores).
WOLF, Maryanne. Proust e a Lula: A História e a Ciência do Cérebro Leitor. Rio de Janeiro: Rocco, 2007